



## A (DES) CONSTRUÇÃO DO AMOR NO CONTO “A MOÇA TECELÃ”, DE MARINA COLASANTI

Jailma da Costa Ferreira; Fernanda Karyne de Oliveira; Jhonatan Leal da Costa

Universidade Estadual da Paraíba; jailma.jdf@gmail.com; fernandakoliveira@gmail.com; jhonatan\_leal@hotmail.com

**Resumo:** O presente trabalho configura-se como um estudo acerca da concepção e da necessidade do amor para as mulheres do século XX, considerar-se-á, portanto, como as relações e os comportamentos da protagonista do conto “A moça tecelã”, Marina Colasanti (2004), assemelham-se aos hábitos da sociedade burguesa do referido período. Pretende-se, pois, contrapor o ideário do amor romântico, burguês, àquele apresentado no conto de Colasanti, tendo em vista que, em um primeiro momento, a protagonista deseja esse amor como uma condição necessária à sua felicidade, não tardando a se frustrar, posteriormente, após a concretização dele. Nesse viés, compete a esta análise discutir acerca da mulher como protagonista de sua própria história e, conseqüentemente, de sua própria felicidade, compreendendo não somente a sua capacidade de construir/tecer um amor, representado pela vida matrimonial e pela tessitura de um homem/esposo, mas, sobretudo, em sua capacidade de desconstruí-lo/destecê-lo. As atitudes da moça tecelã evidenciam que a felicidade é uma construção subjetiva, portanto, não depende, necessariamente, do outro para ser construída. Para as discussões aqui propostas, recorrer-se-á ao aparato teórico de autores como Bauman (2004), Del Priore (2006), Kolontai (2011), entre outros.

**Palavras-chave:** Narrativa. Tessitura. Amor.

### Introdução

*O amor é paciente, o amor é prestativo; não é invejoso, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não procura seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta (I Coríntios, 13, 4-7).*

Diante de uma sociedade moderna, fluída e instantânea, que a cada dia se reinventa, renovando-se e buscando sempre resultados imediatos e prazerosos, surge a pergunta: Como vai o amor frente a essa sociedade líquida moderna? O que é amor? Será que ele, realmente, existe? Há um só amor ou muitos tipos de amores e muitas formas de amar? A partir destas indagações surge este trabalho, não tendo como intuito respondê-las, mas sim, trazê-las à luz das discussões que podem ser estabelecidas a partir da leitura de mundo e sociedade através do texto literário.

Desta forma, “a literatura satisfaz, em outro nível, à necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face deles (CANDIDO, 2004, p. 180). É diante desta assertiva que Candido (2004) vai entender a Literatura



como um direito que não deve ser negligenciado, defendendo-a, ainda, como forma de humanização do sujeito, uma vez que por meio da Literatura o ser humano, no dizer de estudiosos, torna-se mais compreensivo e aberto à natureza e à sociedade.

Conforme Coutinho (2008, p. 50): “A ficção não pretende fornecer um simples retrato da realidade, mas antes criar uma imagem da realidade, uma reinterpretação, uma revisão. É o espetáculo da vida através do olhar interpretativo do artista, a interpretação artística da realidade”. A Literatura é, portanto, capaz de tratar de problemas e realidades sociais através da ficção, uma vez que se serve da realidade para criar, permitindo assim que se estabeleça um diálogo entre o plano real e o imaginário.

Na Literatura, ideologias e valores sociais são questionados. As personagens, entidades ficcionais, que compõem a narrativa, muitas vezes podem ser confundidas com sujeitos reais, os quais vivem conflitos e dramas reais. A Literatura é uma forma de representação de mundo, não se limitando a representar, mas, sobretudo, a questionar acerca dessa realidade.

O conto “A moça tecelã”, de autoria de Marina Colasanti, narra a história de uma jovem que vive sozinha em uma casa, onde sua principal função é o ofício da tecelagem. Através da tessitura, toda imagem/desenho, fenômeno ou objeto que a moça confecciona por meio de linhas, transforma-se, como num passe de mágica, em realidade. Desse modo, a moça começa a tecer para si tudo o que deseja, inclusive o próprio dia, a noite, a chuva, o sol, etc. Contudo, “tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou como seria bom ter um marido ao lado” (p. 9).

Entretanto, ao tecê-lo, a moça tecelã vê-se escrava dos desejos e ordens do esposo. Começa a sentir-se triste e a sentir saudades da vida de outrora. Então, decide mudar mais uma vez o seu modo de vida. E destece tudo que fora construído a pedido do marido e volta a viver sozinha e feliz outra vez.

O conto é narrado em terceira pessoa, tem-se, portanto, segundo D’Onofrio (2007), um narrador pressuposto, o qual será classificado, dentro dessa categoria, como narrador onisciente neutro, ele sabe de todos os fatos que acontecem e dos sentimentos das personagens, contudo, “a narração de acontecimentos e a descrição de ambientes procedem de um modo neutro, impessoal, sem que o narrador tome partido ou defenda algum ponto de vista” (D’ONOFRIO, 2007, p. 51).

Entretanto, o próprio D’Onofrio (2007) questiona e problematiza a neutralidade



do narrador, pois, segundo ele, essa neutralidade é apenas aparente, porque todo discurso é marcado pela subjetividade de quem o escreve, não há, portanto, discursos neutros. Quando o narrador diz que a moça tecelã “tecia os **caprichos** do marido”, logo, percebe-e, que o narrador tem uma ideia formada em relação aos desejos desse homem.

Pode-se afirmar que o conto rompe com o modelo dos romances sentimentais, no qual o namoro é preliminar para o casamento; em que o futuro esposo passa pelo crivo dos pais da noiva; em que as relações de carinho e afeto são construídas e alimentadas, almejando um casamento duradouro e feliz. Nesse sentido, o conto de Colasanti retrata bem a realidade líquida vivenciada na Modernidade, como bem atesta Bauman:

E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço. Sem humildade e coragem não há amor. Essas duas qualidades são exigidas, em escalas enormes (BAUMAN, 2004, p. 11-12).

É possível contrapor esta afirmação de Bauman (2004) com a ideia de amor que está posta na epígrafe que abre as discussões deste trabalho, um amor como o defendido pelo texto bíblico, que tudo suporta, parece não existir mais em tempos líquidos como estes vividos na sociedade moderna. Isto se torna explícito no comportamento da moça tecelã, que não suporta viver sendo explorada pelo marido. Conforme Beauvoir (2009, p. 375-376), a mulher é educada, desde criança, a agradar, “ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia. Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade”.

A personagem de Colasanti rompe com esse estereótipo, embora em um primeiro momento a mulher faça de tudo para agradar o marido, chega um momento em que se sente cansada e triste, o amor que ela nutria por ele não suporta tudo, – indo de encontro ao ideal de amor de Coríntios. Da mesma forma que ela trouxe ele para si, tecendo-o, ela o tira de sua vida, destecendo-o.

Portanto, o ideal de amor romântico, visto nas novelas sentimentais, é rompido



claramente no conto de Colasanti. É importante, pois, perceber, que essa ruptura acontece não somente pelo egoísmo e ganância do marido, mas também pela própria mulher que decide não viver para agradá-lo, pois está preocupada, primeiramente, com sua felicidade e com seu bem-estar.

## **Metodologia**

A metodologia adotada neste trabalho consiste na leitura crítica/interpretativa do conto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti, a partir do qual se busca evidenciar a (des)construção do amor na relação entre essa moça e seu esposo. Quanto ao procedimento, esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, tendo em vista que a revisão bibliográfica é de suma importância para a construção de todo trabalho científico, o que permite ao pesquisador conhecer os estudos já realizados acerca de sua pesquisa, bem como contribui para a sua legitimidade. E, quanto à abordagem, caracteriza-se como qualitativa, uma vez que o seu objetivo é apresentar informações novas, aprofundadas e relevantes.

## **Resultados e discussão**

A moça tecelã transita entre o perfil ideológico da mulher contemporânea: liberdade de escolha, solteira e independente; e entre o modelo de ideal da mulher dos séculos XIX e XX: presa às atribuições domésticas, aspirando o matrimônio. É interessante perceber como a atribuição que assegurou a mulher no espaço doméstico – a tecelagem – é a mesma que dá liberdade, à protagonista do conto, de construir sua vida.

Contudo, o conto deixa margem para duas possíveis interpretações acerca da tecelagem: a empreitada da tessitura pode representar as privações ainda vividas no âmbito da vida doméstica, como também um meio de resistência, pois, no conto, a mulher é responsável por tecer sua própria história, tendo sobre ela todo o domínio necessário para efetuar suas próprias decisões. Seus projetos e planos não dando certo num primeiro momento, ela é capaz de destecer e depois tecer tudo outra vez.

Portanto, é possível afirmar que, nesse conto, a tessitura é para a moça tecelã um modo dela se libertar do sistema patriarcalista, dando-lhe a liberdade de estar fora da casa paterna; de construir sua independência; de optar pelo casamento; de escolher seu



esposo, uma vez que é ela mesma quem tece o marido; de romper a relação conjugal e, por fim, em optar por ficar sozinha.

Entretanto, Colasanti (2004) quebra com o modelo da família burguesa ao apresentar em seu conto uma jovem solteira, que vive sozinha, sendo ela a provedora de sua própria subsistência. Portanto, há no conto fatores que rompem com os valores da sociedade patriarcal, mas há momentos em que esses valores serão resgatados, como se observa no quadro abaixo:

ROMPIMENTOS	NÃO ROMPIMENTOS
Independência financeira	Manter-se dentro do espaço doméstico
Moradia independente	Escolha de um marido para superar a solidão
Liberdade de escolha	Desejo de procriar

Embora a protagonista do conto rompa em alguns momentos com aspectos culturais da sociedade dos séculos passados, percebe-se que ainda há a presença e a necessidade de muitos fatores que se julgavam necessário à felicidade da mulher, como por exemplo, o casamento. Contudo, o grande diferencial no anseio de casar-se da moça tecelã é o fato de ser ela mesma que vai em busca de um marido, representado no conto pela tessitura deste. É importante enaltecer que não era costume uma moça solteira ir à procura do matrimônio, mas esperar que seu ‘futuro marido’ a quisesse e viesse ao seu encontro. Como aponta Del Priore (2006, p. 306):

No casamento, como no namoro e no noivado, a mulher não se oferece, nem mesmo age por si, até porque “inexperiente do mundo”, fica esperando ser descoberta pelo parceiro que a beneficia com sua proteção e uma situação que representa ascensão social.

Isso, em momento algum, acontece com a moça tecelã, pois é ela mesma quem toma a iniciativa de tecer para si um marido. Pois, estando cansada de viver sozinha, ela desejava agora alguém com quem dividir sua vida, ansiava por casar e ter filhos. Desejava, portanto, construir uma família e, conseqüentemente, tecer para si o amor. Pois, de acordo com Bauman (2004, p. 11), “Amar é querer “gerar e procriar”, e assim o amante “busca e se ocupa em encontrar a coisa bela na qual possa gerar”.

Considerando esta afirmação de Bauman (2004), pode-se afirmar que há, no



conto, uma certa quebra com o ideal de amor romântico que é facilmente encontrado na Literatura infanto-juvenil, sobretudo, nos clássicos que compõem essa Literatura. Entretanto, a quebra com esse amor romântico é importante, pois, instaura a relevância de um outro amor, por assim dizer, ao qual Kolontai (2011) vai definir como necessário à subsistência do ser humano, o amor que reafirma o sujeito em sua humanidade.

Se a humanidade não tivesse o amor, sentir-se-ia roubada, deserdada e desgraçada. O amor será seguramente o culto da humanidade futura. Hoje em dia o homem necessita, para poder lutar, viver, trabalhar e criar, sentir-se afirmado, reconhecido. O que se sente amado sabe que há alguém que reconhece sua personalidade, em todo seu valor, e, precisamente pela consciência de sentir-se afirmado, nasce a suprema alegria (KOLONTAI, 2011, p. 38).

Amar é a condição básica à realização da pessoa humana, tornando-se indispensável à construção da felicidade e do bem-estar social. A partir da leitura do conto, é possível perceber essa ânsia na protagonista, a qual busca através do casamento o reconhecimento de sua personalidade e de seu valor, para assim, sentir-se realizada e feliz. Por isso, ela busca a todo o momento agradá-lo e realizar seus desejos. Sem questioná-lo atende prontamente a tudo o que ele pede, servindo-o como uma escrava ao seu senhor. Mais uma vez, é possível perceber traços da mulher oitocentista no papel assumido pela moça tecelã, a qual buscava sempre agradar o marido, sendo esse, um fator determinante para a felicidade do casal.

Como atesta Del Priore (2011, p.119): “O bem-estar do marido era a medida da felicidade conjugal e esta adviria em consequência de ele estar satisfeito”. Logo, satisfazer o marido era dever da mulher, sendo a responsável em manter o casamento e em cultivar a felicidade do cônjuge.

Entretanto, ao atender todas as vontades do marido, “ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros” (COLASANTI, 2004, p. 13). Percebendo que a satisfação e a felicidade estavam restritas apenas ao esposo, a moça tecelã muda os rumos de sua história, rompendo assim com os paradigmas da sociedade patriarcal e com a idealização do amor romântico.

Giddens (2002, p. 108) afirma que há momentos nos quais “o indivíduo deve lançar-se a algo novo, sabendo que a decisão tomada, ou o específico curso de ação seguido, tem uma qualidade irreversível, ou pelo menos que será difícil, a partir de



então, voltar aos velhos caminhos”. É exatamente isso que faz a moça tecelã, percebendo que seu casamento não está lhe fazendo feliz, o desfaz. Não tem medo de correr riscos, pois sabe que a vida sozinha lhe dava muito mais prazer do que a vida com um homem que não a amava, mas que estava interessado somente naquilo que ela podia lhe oferecer.

Ao romper o casamento, a moça tecelã desfaz também com o laço de amor. Pode-se afirmar, a partir da leitura do conto de Colasanti (2004), que

[...] a definição romântica do amor como “até que a morte nos separe” está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil em função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais costumava servir e de onde extraía seu vigor e sua valorização. Mas o desaparecimento dessa noção significa, inevitavelmente, a facilitação dos testes pelos quais uma experiência deve passar para ser chamada de “amor”: Em vez de haver mais pessoas atingindo mais vezes os elevados padrões do amor, esses padrões foram baixados. Como resultado, o conjunto de experiências às quais nos referimos com a palavra amor expandiu-se muito. (BAUMAN, 2004, p. 10).

Considerando esta colocação de Bauman (2004) sobre a significação do amor romântico, é possível afirmar que o homem que a moça tecelã teceu para si não a amava. Contudo, é válido perguntar: será que a moça também o amava, uma vez que não lhe deu nenhuma chance de mudança, simplesmente desfez o casamento a partir do momento que não se sentiu feliz?! A atitude de seu marido é a todo tempo egoísta, mas a sua também não foi quando se sentindo insatisfeita e pensando apenas na sua felicidade desteceu o marido?!

Se lutar pela felicidade própria for egoísmo, então, a moça tecelã assim o foi. Mas, se lutar pela própria felicidade for um ato de rebeldia contra o sistema machista que ainda insiste em perdurar na sociedade contemporânea, a atitude da moça tecelã foi um ato de liberdade. Se o amor for submisso a ponto de negar a si mesmo, a moça tecelã nunca amou, mas se o amor mais necessário e fundamental for o amor próprio, a moça tecelã foi uma amante incondicional de seu próprio ser.

## Conclusão

A partir do estudo realizado acerca do conto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti, é contundente afirmar que a mulher consegue romper com o modelo do



patriarcado, pois há uma superação do domínio masculino, a mulher não está mais sob a ordem masculina, além dela ser criadora e não mais criatura de outrem, também não se priva à vida matrimonial, não se deixa aprisionar pelas exigências e pelos caprichos do marido.

Por outro lado, ela continua presa à vida doméstica, uma vez que não rompe os espaços do lar, o ambiente doméstico, continuando presa a uma tarefa culturalmente feminina: a tecelagem. No entanto, a moça tecelã ressignifica esse ofício, e o que poderia significar uma tarefa de aprisionamento para muitas mulheres, para a moça tecelã significa o modo pelo qual poderá construir sua liberdade, pois é a tecelagem que permite construir com suas próprias mãos seu futuro e que garante a concretização de seus sonhos.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. Infância. In: BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009, p. 361-429.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004, p. 169-191.

COLASANTI, Marina. **A moça tecelã**. São Paulo: Global, 2004.

COUTINHO, Afrânio. Gênero de ficção. In: COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 49-72.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta, 2011.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. 2. ed. São Paulo : Contexto, 2006.

D'ONOFRIO, Salvatore. Teoria da narrativa. In: D'ONOFRIO, Salvatore. **Forma e sentido do texto literário**. São Paulo: Ática, 2007, p. 46-106.

GIDDENS, Anthony. Destino, risco e segurança. In: GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 104-134.

KOLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. 2ª ed. São Paulo: Expressão popular, 2011.